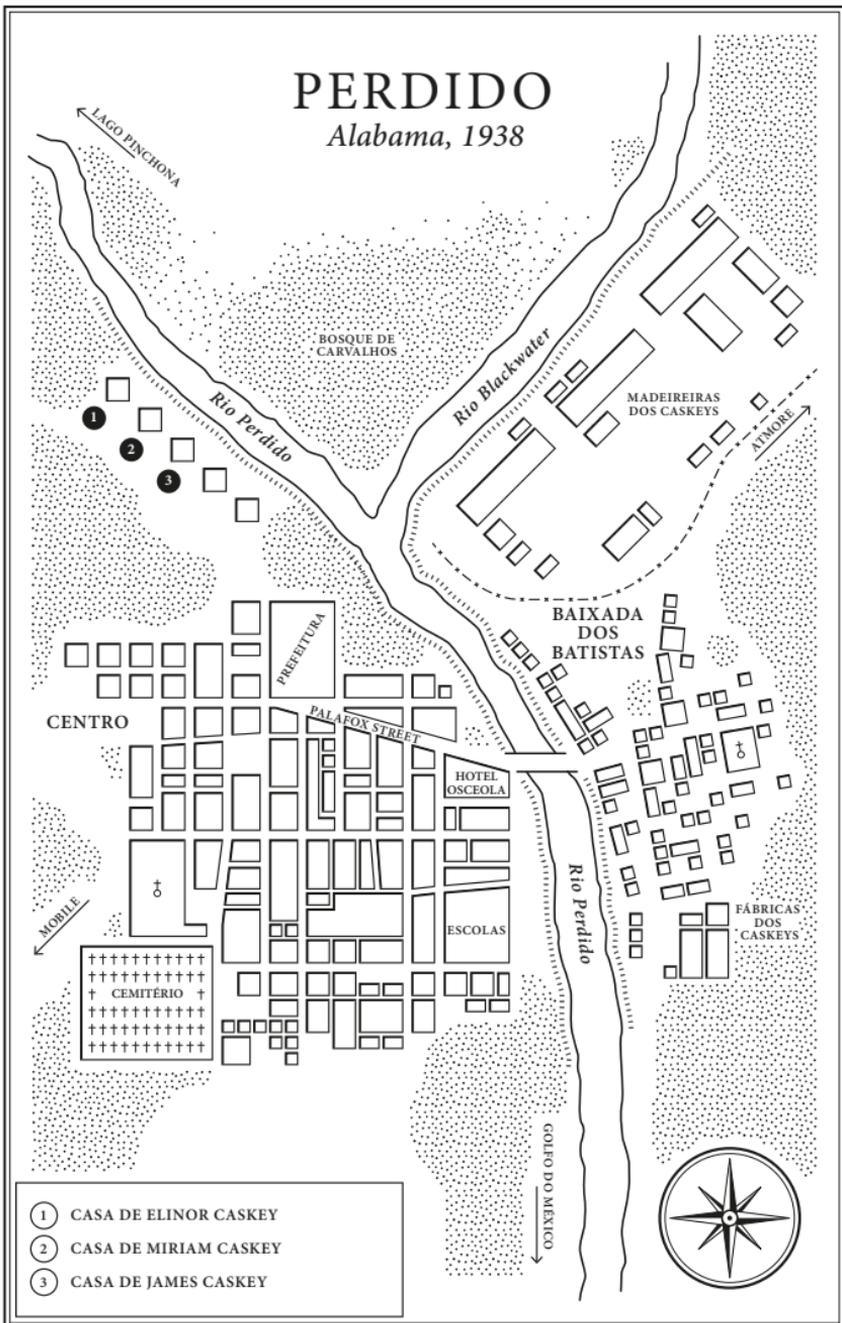


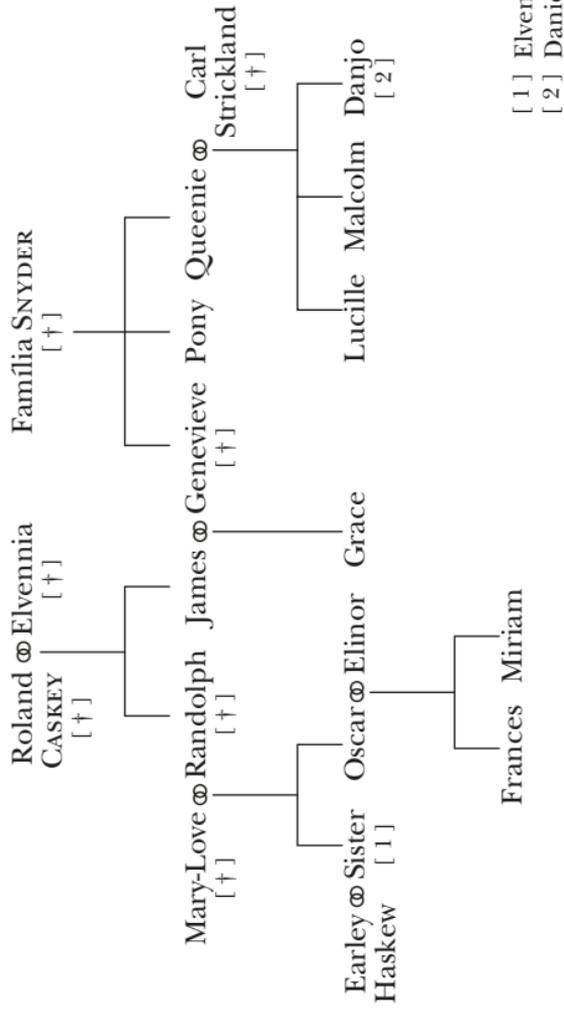
# PERDIDO

Alabama, 1938



## As famílias

### Caskey, Sapp, Snyder e Welles – 1938



cabeça aqui. Não quer olhar para a cara de sofrimento dela.

– Não é isso! É que esta loja dá um trabalho danado. Sempre aparece alguém querendo algo especial que só eu sei o que é e...

– Não posso vir aqui e perguntar?

– É, pode...

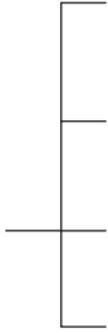
– Então está decidido – afirmou Queenie com firmeza, tentando encerrar os protestos da outra.

– A senhora não sabe operar uma bomba de gasolina – contestou Dollie.

– Meu menino sabe – sussurrou Queenie, inclinando-se para a frente. – Vou mandá-lo largar o emprego na madeireira. Ele nunca foi bom naquilo mesmo, e não quero que ande com aqueles sujeitos. Vai acabar arranjando outro Travis Gann. Vou trazê-lo aqui e botá-lo para trabalhar pelo que roubou. A senhora nem vai vê-lo. Não vou deixar que ponha os pés dentro da loja. Sua pressão pode subir só de olhar para ele. Eu vi que há um banquinho lá na frente. Ele vai ficar sentado ali o dia inteiro, enchendo o tanque dos carros. Se o Sr. Crawford não quiser lavar para-brisas, vai poder descansar, pois Malcolm vai tratar disso para ele.



Creola  
SAPP



Bray ∅ Ivey  
Sugarwhite

Buster  
[†]

Zaddie

Luvadia

Roxie  
WELLES



Escue

Reta

## CAPÍTULO 1

### *Na praia*

Mary-Love morrera havia dois anos. Nos meses que se seguiram ao funeral, os Caskeys ficaram atentos às transformações na configuração da família. Foram lentas e sutis. Elinor, Oscar e Frances pouco mudaram, embora o temperamento de Elinor parecesse mais brando agora que sua principal rival e inimiga tinha sido enfim derrotada pela morte. Frances, com 16 anos, estava no segundo ano do secundário. Os três longos anos que passara acamada devido às fortes dores da artrite pareciam distantes e às vezes apenas inquietantes.

Na casa ao lado, Sister Haskew não havia voltado para o marido. Early cumpria a obrigação de sempre aparecer no Natal e, no máximo, mais uma ou duas vezes no ano. A cada visita o casal parecia mais distante. Mas nenhum dos dois reconhecia isso.

– Early viaja muito – comentava Sister. – Nunca vou conseguir acompanhar o ritmo dele. Prefiro ficar aqui em Perdido com Miriam, que precisa de mim.

A última parte dessa afirmação não era verdadeira, pois Miriam, com 18 anos, julgava não precisar de ninguém. Via-se como a herdeira legítima da avó. O dinheiro, as ações e os títulos tinham sido repartidos igualmente entre Sister e Oscar, mas isso não era o mais importante. Ela herdara a casa de Mary-Love, bem como a inimizade com Elinor Caskey, mesmo sendo sua filha.

Miriam não falava com a mãe quando cruzava com ela na rua, nem sequer acenava da janela de sua casa. Cumprimentava o pai com um desgostoso aceno de cabeça. E, para Frances, nunca deixava de ter uma palavra cruel sempre que encontrava a irmã na escola.

Sister e Miriam, sua sobrinha irreduzível, formavam uma família infeliz, sempre à flor da pele, ambas oprimidas pelas nuvens carregadas de seus segredos. Sister jamais admitiria que não amava mais o marido e que, na verdade, temia até mesmo as breves e infrequentes visitas dele. Miriam, por sua vez, não declarava abertamente sua hostilidade em relação à mãe por medo de ser esmagada

pela superioridade estratégica e pela experiência da mulher em conflitos.

Na outra casa vizinha, James Caskey envelhecera. Estava muitíssimo feliz em criar Danjo, seu sobrinho, já com 14 anos. Danjo o adorava e nunca fazia nada para irritá-lo ou desapontá-lo. Já seus irmãos mais velhos, Malcolm e Lucille, não se cansavam de causar problemas para a mãe, Queenie Strickland.

Malcolm tinha 20 anos e parecia incapaz de ser alguém na vida. Chegara a encontrar trabalho em Cantonement, mas durou apenas uma semana lá. Um segundo emprego em Pensacola durou menos ainda. Quando voltou a morar com a mãe em Perdido, implorou que lhe arranjasse uma vaga na madeireira. Agora, Malcolm estava encarregado de uma trituradora, mas, como era desatento, corria o risco constante de perder um braço (ou ambos) nas mandíbulas daquela enorme máquina explosiva.

Lucille, com 18 anos, ainda era toda sorrisos afetados e lamúrias, mas ganhara certa beleza. Exibia seu charme recatado atrás do balcão de doces de uma lojinha e voltava para casa todos os dias cheirando a óleo de pipoca. Tanto Lucille quanto Malcolm não estavam satisfeitos em ter trabalhos

tão pouco qualificados. Afinal de contas, faziam parte do todo-poderoso clã dos Caskeys.

Como eram proprietários da única indústria local, os Caskeys talvez até pudessem ser tidos como os donos da cidade. No entanto, não viviam como se fossem. Por consideração às circunstâncias difíceis de seus conterrâneos, não ostentavam a riqueza que sem dúvida detinham. O pior da Grande Depressão já passara e eles haviam sobrevivido. Sobreviver era o mesmo que prosperar, sobretudo naquela região castigada do país.

As madeireiras dos Turks e dos DeBordenaves, com décadas de história, haviam fechado. O maquinário, as terras e os funcionários foram absorvidos pelos Caskeys, que expandiram seus negócios. Após a morte de Mary-Love, James entregara toda a administração da fábrica ao sobrinho, Oscar. James já não ia ao escritório; passava o dia inteiro na varanda com Queenie, sua cunhada.

Nos últimos anos, Oscar administrou com austeridade as madeireiras, aproveitando com cautela as pequenas oportunidades que surgiam. Cada centavo de lucro era reinvestido – fosse para fins de expansão, modernização ou compra de terras florestais. Em 1938, o patrimônio dos Caskeys era vultoso. No entanto, a madeireira, a fábrica de cai-

xilharias e a fábrica de estacas para cercas, postes e dormentes ferroviários – todas nas melhores condições e provavelmente as mais avançadas de todo o país – operavam a não mais que um quarto da capacidade.

Os funcionários muitas vezes eram dispensados ao meio-dia, mesmo recebendo pelo dia inteiro de trabalho. Os Caskeys agora detinham quase um terço dos 400 mil hectares de florestas em cinco condados do Alabama e da Flórida, mas os pedidos eram tão escassos que os lenhadores nunca precisavam ir muito além de 8 quilômetros da cidade.

Sister e James precisavam de pouco dinheiro, pois levavam uma vida simples. Porém, mesmo para esse pouco, eram forçados a recorrer a Oscar. Ele supria suas necessidades lhes dando notas de dinheiro miúdo. Essa abordagem parecia estranha para os dois, pois os Caskeys nunca haviam sido assim tão frugais. Por fim, James perguntou a Oscar se ele tinha certeza de que estava administrando da maneira certa o dinheiro e as propriedades da madeireira.

– Cada centavo é reinvestido – respondeu Oscar pacientemente.

– Isso eu sei, Oscar – disse Sister –, mas não deveríamos ter alguma reserva?

– Não podemos nos dar a esse luxo agora. Precisamos garantir que, quando este país estiver de pé de novo, estaremos prontos para progredir.

James então argumentou, com firmeza:

– Oscar, este país está há dez anos em recessão. Quando você acha que as coisas vão mudar? Não é comigo que me preocupo, sei que posso me arranjar. Quero apenas garantir que Elinor, Frances, Sister e Miriam fiquem bem. O que vai ser de Danjo, de Queenie e dos filhos dela se algo acontecer comigo?

– Vocês não confiam em mim? – apelou Oscar.  
– Não sabem o que estou tentando fazer com esta empresa?

– Não – respondeu Sister. – James e eu não temos ideia.

– *Eu* não sei – concordou James.

– Estou tentando nos fazer ricos! – anunciou Oscar.

– Para quê? – perguntou Sister. – Cinco anos atrás, quando as coisas estavam péssimas para todos, tínhamos todo o dinheiro que qualquer pessoa com algum juízo na cabeça poderia querer. Agora você diz que os negócios vão bem, mas preciso ir à fábrica implorar para ter como comprar uma garrafa de leite!

– Isso é temporário – falou Oscar. – Você sabe que está exagerando, Sister.

– E se tudo for pelos ares? – perguntou James. – O que vamos fazer?

– Nada vai pelos ares. Pare com isso. Vocês só precisam me deixar fazer o que deve ser feito. Vocês não enxergam isso ainda, mas estamos indo muito bem.

James e Sister realmente não enxergavam, mas, de todo modo, com algum receio, decidiram confiar na decisão de Oscar.

– Afinal, que alternativa temos? – indagou James para Sister, mais tarde.

Se os dois tinham suas dúvidas e não o apoiavam no que dizia respeito à administração da madeireira dos Caskeys, Oscar podia sempre contar com a confiança e o otimismo da esposa, Elinor.

– Oscar, eu conheço você e sei que está fazendo a coisa certa – dizia ela.



Todos os Caskeys compareceram às cerimônias que marcaram o fim do ciclo de Miriam no ensino secundário. A família havia descoberto pelo *Standard* de Perdido que Miriam conquistara o posto de oradora da turma na solenidade de formatura.

Ela não contara nada a respeito, em uma tentativa de negar a todos o prazer de ficarem orgulhosos de sua conquista. Em seu discurso, feito com uma oratória impecável, Miriam comparou a vida a um conjunto de bonecas russas, deixando todos perplexos. Após a entrega dos diplomas, ela permitiu que todos a abraçassem e lhe beijassem o rosto – inclusive a mãe, o pai e a irmã. A garota compreendia que deveria se submeter às formalidades em ocasiões do tipo. Fazia um calor escaldante naquela tarde, e os formandos, todos de túnica branca e barrete franjado, zanzavam pelo campo de futebol americano com suas famílias, atordoados como se estivessem febris. Oscar se dirigiu à filha, falando com ela como faria com uma colega de classe de Miriam que acabara de conhecer:

– Tem planos de ir para a faculdade?

Miriam fez uma pausa antes de responder:

– Estou pensando.

– E o que tem em mente? – perguntou Elinor, aproveitando a ocasião para falar com a filha sem rodeios.

– Ainda não me decidi – replicou Miriam, hesitante.

Em seguida, olhou em volta e foi correndo abraçar uma colega de turma que detestava.

Mais tarde, Sister fez a mesma pergunta a Miriam, mas também não recebeu uma resposta direta.

– Só vamos saber no dia em que Miriam for embora, se ela decidir mesmo ir para a universidade – disse James a Sister.

– Por que será que Miriam é assim? – indagou Sister, com um suspiro.

– Por causa de Mary-Love, é claro. Você ainda não percebeu? Miriam é igual a ela.

E a jovem de fato era, com seus planos calculados e secretos.

O auge do verão chegou, com todo o seu calor, mas ninguém sabia o que seria de Miriam no outono. Essa era uma questão de bastante relevância para Sister, pois, se a garota fosse para a faculdade, ela não teria motivo aparente para continuar em Perdido. Precisaria pensar em outra desculpa para não voltar para o marido.

Era quase inconcebível que Miriam decidisse não fazer faculdade. Uma jovem inteligente a ponto de ter sido escolhida a oradora da turma na cerimônia de formatura, com status social e o futuro garantido financeiramente, estava destinada à educação superior. Sister havia ficado tão desmoralizada tentando descobrir uma maneira de não

voltar para Early Haskew que se permitiu acreditar que Miriam jamais iria embora da cidade.

Assim, todos aguardaram ansiosamente a primavera para ver o que Miriam decidiria. Antes disso, no entanto, ela tinha mais uma surpresa.

Um dia, quase no fim de junho, Miriam foi a uma festa no cassino de Santa Rosa Island, que ficava do outro lado da baía. Daquele dia em diante, ficou obcecada pela praia de Pensacola. Todos os dias saía às cinco e meia da manhã no pequeno conversível que ganhara de Mary-Love e voltava a tempo do almoço. Sua pele se tornava cada vez mais bronzeada.

– Acha que ela conheceu algum rapaz? – perguntou Queenie a James.

– Será?

James fez a mesma pergunta a Sister naquela noite. E Sister, por sua vez, perguntou a Miriam no dia seguinte, quando a viu entrar em casa com uma toalha no ombro.

– Você tem encontrado algum rapaz na praia de Pensacola?

Miriam pareceu ofendida.

– Sister, eu vou até lá e me deito na areia para me bronzear.

– Foi só uma pergunta.

Naquela tarde, trajando um vestido de verão branco que destacava lindamente seu bronzeado, Miriam atravessou a passos firmes o quintal arenoso e bateu à porta da casa da mãe. Elinor veio à porta.

– Elinor, Frances está em casa? – perguntou Miriam, tensa.

Ela esperava que a própria Frances ou talvez Zaddie viesse atender. Falar com a mãe sempre a irritava.

– Ela foi à cidade, mas deve voltar logo. Quer entrar e esperar?

– Não, obrigada. Quando Frances voltar, pode pedir que venha falar comigo? Quero perguntar algo a ela.

Miriam deu meia-volta e saiu marchando antes que Elinor pudesse dizer mais uma palavra.



Frances ficou perplexa e alarmada com a convocação da irmã. Correu até a casa vizinha, decidida a resolver a situação o mais rápido possível, como se fosse um criminoso condenado desejando que a execução acontecesse logo, em vez de ser adiada. Miriam estava lendo uma revista junto à janela de seu quarto no andar de cima.

– Miriam, mamãe disse que você queria falar comigo.

Frances estava parada à porta do quarto. Miriam não a convidou a entrar.

– Sim, gostaria de saber se você quer ir a Pensacola comigo amanhã.

A revelação do motivo só fez aumentar o espanto de Frances.

– Mas... p-para quê? – gaguejou ela.

– Para ir à praia comigo.

Frances a encarou por alguns instantes, quase em choque.

– E então? – insistiu Miriam, impaciente. – Quer ir ou não?

– Quero – respondeu Frances mais do que depressa.

– Consegue estar aqui às cinco e meia?

– Sim.

– É a hora que eu saio. Se não estiver na sua varanda, vou embora sozinha. Não vou à casa de Elinor de manhã tão cedo bater à porta nem chamar você. Vai estar na varanda quando eu estiver pronta para sair?

Frances tornou a assentir.

– Ótimo – disse Miriam. – Ivey vai preparar algo para levarmos, então não se preocupe com comi-

da. Se quiser comprar algo por lá, é melhor levar algum dinheiro.

– Está bem – respondeu Frances.

A jovem continuou ali, hesitante, à espera de mais instruções.

Não houve. Passados alguns instantes, Miriam ergueu a cabeça e comentou:

– Pode ir. Estou ocupada.

Frances voltou para casa atordoada. Nem sua mãe nem seu pai conseguiram decifrar a motivação do convite. Elinor ligou para James para ver se Queenie ou ele tinham alguma ideia sobre o que aquilo poderia significar. Não chegaram a uma conclusão, e James telefonou para Sister, que não sabia ao certo, mas tinha um palpite:

– Miriam deve querer que todos saibam que ela não está indo a Pensacola para encontrar um rapaz. Talvez seja por isso que vai levar Frances junto.



Miriam dirigia rápido. A capota do conversível estava recolhida, o vento tão forte que as irmãs não conseguiam conversar. O sol ainda estava baixo no céu àquela hora da manhã.

Miriam e Frances vestiam roupas de banho sob

os vestidos de verão. A viagem demorou pouco mais de uma hora, e as duas encontraram a praia ainda vazia. O cassino continuava fechado, mas alguns pescadores lançavam suas linhas à beira do píer.

Miriam se afastou cerca de 100 metros do píer, andando até uma faixa de areia deserta, onde estendeu sua toalha. Sem falar nada, apontou para o local onde Frances deveria estender a dela.

– Trouxe protetor solar? – perguntou Miriam à irmã, com rispidez.

– Não. Deveria?

– Claro. Você vai torrar assim mesmo, pois não está habituada ao sol, mas sem o protetor vai ficar ardendo quando chegar em casa. Tome, use o meu.

Obediente, Frances se submeteu a ser besuntada com o creme gelado. Miriam esfregou a pele da irmã de forma brusca e, quando terminou, o aplicou em si mesma.

– E agora, o que eu faço? – indagou Frances, timidamente.

– Nada. Basta se virar de vez em quando. E não fale.

Quando ficava deitada de bruços, bronzeando as costas, Miriam lia. Quando se virava, fechava os olhos e dormia, ou pelo menos fingia dormir.

Frances nunca se sentira tão entediada na vida, nem mesmo na época em que ficara confinada à cama, com artrite. Não levava nada para ler. O som abafado do Golfo do México ecoava dentro de sua cabeça. Pulgas-do-mar saltavam em suas pernas para picá-la. A areia branca ofuscante e o céu desbotado eliminavam toda a cor da paisagem e tudo parecia esbranquiçado e brilhante, como se o flash de uma câmera fotográfica fosse disparado continuamente. Sentiu a pele começar a queimar. Não ousava falar com a irmã, que havia proibido qualquer conversa.

Frances se sentou na toalha e começou a olhar para a água, ansiando por ela. Por fim, quando sentiu que sua pele já estava fritando e seu sangue, fervendo nas veias, ela se voltou para Miriam e perguntou:

– Posso entrar?

– Entrar onde? – retrucou Miriam, irritada.

– Na água...

– Pode. Só não sei por que iria querer fazer isso. Odeio nadar. Tome cuidado com as águas-vivas. E com a correnteza. Na quarta-feira, alguém viu um tubarão ali.

– Vou tomar cuidado – disse Frances, levantando-se na mesma hora.

Ela foi correndo até o mar e saltou em uma onda que acabara de arrebentar. A água estava fria, deliciosa, e Frances adorava o movimento das ondas. Até o gosto de sal era bom. Ela nunca tinha ido ao golfo. Quando pensava em cursos d'água, só lhe vinha à mente o lamacento rio Perdido. A voz do Perdido era grave, misteriosa, composta de uma centena de ruídos mais baixos, incessantes e indistinguíveis.

O golfo, por outro lado, tinha apenas uma voz: regular, alta e insistente. A água do Perdido era escura e turva, como se ocultasse de propósito o que havia em suas profundezas; a do golfo era luminosa, azul e branca, e Frances conseguia ver os próprios pés imersos. O leito do Perdido era um lençol insondável de lama preta macia que ocultava criaturas mortas; debaixo daquelas ondas que quebravam, havia areia branca compacta e milhões de fragmentos de conchas coloridas. Pelas águas do Perdido nadavam apenas um ou outro pargo ou bagre carrancudos; ali, moluscos despontavam da areia, viam-se algas claras e límpidas e numerosos cardumes de peixes pequenos, enquanto outros maiores por vezes saltavam com destreza da crista de uma onda.

Frances nadou até mais longe, onde os peixes

eram ainda maiores. Eles se afastaram, preguiçosos, daquela intrusa. Notou a correnteza sobre a qual Miriam a havia alertado, mas não sentiu que estivesse em perigo. Deixou-se levar. Agora o píer não passava de uma linha negra que penetrava a água, sua irmã fora de vista. Percebeu que talvez tivesse se afastado demais, mas continuava inabalável. Enquanto nadava de volta sem pressa em direção ao litoral, percebeu que sempre estivera plenamente confiante de sua capacidade de chegar à areia.

– Achei que você tivesse se afogado – falou Miriam com calma, erguendo os olhos do livro quando Frances voltou, parando diante de sua toalha, pingando. – Quando olhei, você tinha sumido. Deve ter ido longe demais.

– Não, não...

– Hora de ir embora.

Frances encarou a irmã, sem entender.

– Mas acabamos de chegar.

Miriam ergueu o rosto para a irmã, fazendo sombra sobre os olhos com a mão.

– Por quanto tempo está achando que ficou no mar?

– Vinte minutos? Meia hora?

Miriam apontou para o céu.

– Olhe para o sol – disse ela. – Está a pino. Já é quase meio-dia, você passou mais de três horas na água.

Frances olhou para o céu, então se virou e tornou a fitar as águas azuis do Golfo do México.



Miriam passou a viagem de volta calada, mas Frances não se importou. A irmã dirigia com apenas uma das mãos no volante, olhando pensativa para a estrada com seus óculos escuros. Frances estava recostada com a cabeça para trás, relaxada mas não exausta. À medida que se aproximavam de Perdido, tentou pensar em uma maneira de agradecer pelo convite – que resultara, de forma inesperada, em um evento misteriosamente importante para ela.

Quando estacionaram diante da casa de Miriam, no entanto, Frances ainda não tinha tomado coragem.

Elas saíram do carro.

– Obrigada – disse Frances, retraída e incomodada pela insuficiência das próprias palavras.

– É melhor comprar um protetor solar hoje – sugeriu Miriam. – Não vou ficar emprestando o meu.

Frances se deteve no mesmo instante e refletiu sobre o que acabara de ouvir.

– Quer dizer que vamos de novo amanhã? – perguntou ela com cautela.

– Eu vou lá todos os dias – falou Miriam, sem responder à pergunta.

– E está me convidando para ir de novo?

Miriam não chegaria a admitir isso.

– Eu saio às cinco e meia, e tem espaço no carro. Só que nunca espero ninguém.

Frances sorriu e foi correndo para casa, onde contou aos pais estupefatos sobre o passeio.

– Você vai de novo? – perguntou o pai.

– Claro que sim! – exclamou Frances. – Eu me diverti muito!

– Mas você está tão queimada, querida... – comentou Elinor. – Das próximas vezes, quero que passe o tempo todo no mar. Assim o sol não vai castigar tanto sua pele.

– Ai, mãe, eu adorei a água de lá! Mal posso esperar até amanhã!

Elinor ficou extremamente feliz com essa declaração. Passaram-se semanas sem que saísse de sua boca uma única palavra contra Miriam, que proporcionara a Frances a oportunidade de ir nadar no golfo todos os dias.



Aquela primeira viagem estabeleceu o padrão para o resto do verão. Todo dia de semana, se fizesse sol, Miriam e Frances iam de carro até a praia de Pensacola. Miriam raramente falava com a irmã algo além de “Está pronta?” ou “Trouxe dinheiro para o pedágio da ponte?”.

Miriam ficava deitada em sua toalha, lendo, cochilando, a pele cada vez mais escura. Enquanto isso, Frances nadava no golfo, às vezes furando as ondas, outras vezes singrando as águas calmas metros abaixo da superfície ou ainda se deixando ser arrastada pela correnteza.

Certa vez, viu-se tão afastada do litoral que um grupo de golfinhos saltitantes passou por ela. Frances jogou os braços em volta de um dos menores e foi puxada pela água por vários quilômetros a uma velocidade mais rápida do que jamais havia experimentado. Outra vez, mergulhou fundo para não ser vista pelos homens de um barco pescador que passava e escapou por pouco de ser apanhada nas redes. Depois que o barco se afastou, ela se perguntou por que não queria que a vissem. Então se deu conta de que ser descoberta tão longe da praia levantaria suspeitas. Os pescadores não

acreditariam que uma menina de 16 anos estaria a salvo boiando a quilômetros do litoral.

Algo nas horas passadas no golfo lembrava a Frances a época em que estivera doente, bem como tempos ainda mais vagos e distantes. Ela parecia perder a consciência no instante em que seu corpo furava a primeira onda da manhã – pensando bem, parecia perder sua identidade como Frances Caskey. Tornava-se outra pessoa, outro ser.

Era capaz de nadar desde a hora em que chegava, antes das sete, até as onze sem tocar o fundo do mar e sem sentir fadiga ou medo de correnteza, tubarões, águas-vivas e cãibra, sem medo de ser levada. Quando chegava a hora de voltar, não dizia a si mesma: “Miriam está se preparando para ir embora.” Simplesmente se via atravessando as ondas em direção à praia. Era uma sensação parecida com as lembranças dos banhos que a mãe lhe dava durante sua doença, três anos antes. Frances não se lembrava de nada além do momento em que a mãe a pegava por baixo dos braços e a erguia da água. Com esse movimento, sua identidade, temporariamente perdida, retornava. Erguendo-se em meio à arrebentação, sentindo areia e pedaços de conchas debaixo dos pés, a antiga identidade de Frances retornava, e ela esque-

cia tudo o que havia sentido e experimentado tão longe do litoral.

Miriam sempre fazia algum comentário do tipo:

– Tentei encontrar você algumas vezes, mas não consegui. Ainda vou contar a Oscar que você vai longe demais. Um dia vai acabar se afogando e todo mundo vai pôr a culpa *em mim*.

Na viagem sempre silenciosa de volta para Perdido, Frances tentava lembrar como exatamente tinha passado aquelas horas na água; tentava recordar a distância que havia percorrido, a profundidade dos mergulhos, os peixes que vira. Mas o sol incidia em suas pálpebras e ela conseguia resgatar apenas uma vaga impressão de ter mergulhado tão fundo que a luz do sol produzia apenas um leve brilho verde-marinho. Ou então evocava uma mera lembrança nebulosa de ter se sentado com as pernas cruzadas no fundo arenoso e ondulante a quilômetros da praia ou de ter perseguido e devorado tentadores caranguejos e trutas que se aproximavam.

Eram sonhos, sem dúvida. Como tudo aquilo poderia ser real?

Por mais que Frances passasse quatro horas na água, sem ter tomado café da manhã, nunca sentia fome ao sair do mar e voltar até a areia onde

Miriam tomava sol. Em casa, o pai insistia que ela comesse pelo menos um pouco no almoço, mas a mãe sempre dizia:

– Se Frances diz que está bem, devemos deixá-la em paz. Quando quiser comer, ela sabe onde procurar.

## CONHEÇA A SAGA BLACKWATER

I. A enchente

II. O dique

III. A casa

IV. A guerra

V. A fortuna

VI. A chuva

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

